



Estreia auspiciosa

A mulher do fuzileiro, de Álvaro Marins

André Gardel*

Cortázar, em seu arquifamoso texto “Alguns aspectos do conto”, contido no livro *Valise de cronópio*, buscando uma “aproximação apreciadora a esse gênero de tão difícil definição”, estabelece analogias – próprias do paradigma dos críticos inventivos, no qual se insere – tão poéticas quanto precisas: o conto é um “caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”; ou “o romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma ‘ordem aberta’, romanesca, enquanto que uma fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia”; ou, ainda, pela boca de um escritor argentino “muito amigo do boxe”, sublinha que no “combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto ganha por nocaute”.

É justamente perseguindo a impalpabilidade exata e contundente de um “texto apaixonante” que novas similitudes se entremostam no texto de Cortázar, a partir de noções-imagens como tema, intensidade, tensão: “o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional”, “pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial

* Professor adjunto de Estética e Teoria do Teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

e cotidiana”, desde que resida “numa qualidade parecida à do ímã”, pois “tanto a intensidade da ação como a tensão interna da narrativa são o produto do que antes chamei o ofício de escritor”. *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias*, livro de estreia de Álvaro Marins no universo da ficção, mais especificamente na galáxia do conto, transita, em seus momentos de pico, pelas sendas teóricas abertas pelo escritor argentino, a fim de que o “bom conto” andarilho possa passar.

Os dez contos que configuram o livro apresentam um esforço estilístico-estrutural na direção de construção de uma voz, de um ambiente, de um local de fala. Esforço recompensado pelas características apresentadas na maioria dos contos, exceção feita ao último, “O macaco”, que enverada pelo tom fabular e pela tipologia popular. Pois a dicção do livro, no geral, é realista, atravessada aqui e acolá por um humor de matiz machadiano, com invasões de fronteiras de gêneros como a crônica e a memorialística. O local de fala dos narradores é a cidade do Rio de Janeiro, assim como seus personagens, na grande maioria, tipos cariocas classe-média (num gradiente entre a baixa, a média e a alta) da Zona Sul; contudo, sempre tensionados pelos desvãos de nossa “cidade partida”.

No conto-crônica “Cabo Frio”, em que há um deslocamento espacial para outra cidade, se dá, curiosa e simultaneamente, uma perda de mão do autor de seu leme construtivo: toda a potência do escritor que domina seu “ofício”, a partir da arte de deslizar pela superfície, intencionalmente com poucos mergulhos psicológicos ou filosófico-existenciais, mas com *timing* na andadura sem tropeços e desvios gratuitos – contos-vídeo, contos-correnteza –, que nos levam e envolvem no prazer da leitura, se desfaz numa narrativa dialógica longa e inverossímil, disforme, salpicada de comentários sócio-históricos despregados do núcleo da ação. Outro conto em que

há um deslocamento cultural tempo-espacial é “Chraznów”, narrativa memorialística de um judeu polonês que revisita sua cidade natal, após anos de vida no Rio de Janeiro, fugido do holocausto nazista. Apesar do tom mais sóbrio-melancólico da voz narrativa, menos tipicamente local-regional, o Rio de Janeiro de “toda gente”, como Bandeira batiza a cidade em suas crônicas, surge solar no final, com a estabilização alegre do judeu, nos dias de hoje, com a família, em uma Ipanema miticamente carioca.

Memorialística que visita também “Nina (uma página recolhida do inédito diário de Eumir Ribeiro)”, conto mais construtivamente ousado do livro – e, junto com “Lição de geografia”, que possui mais “intensidade” e “tensão”, para usar a terminologia de Cortázar –, em seus lances de dados borgianos, entretecendo o factual e o fictício, o documental e o imaginário, pessoas e personagens, realidade e metaficcionalidade, autenticidade e jogo palimpséstico. E que traz à tona outro aspecto recorrente em *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias*, que é tanto a vida e atitudes de personagens secundários na confecção benjaminiana das ruínas da história oficial (no caso, a violência da ditadura no Brasil contra qualquer forma de oposição e clandestinidade), quanto o ar de *aurea mediocritas* de muitos personagens e narradores, de fundo moral pequeno-burguês, uma galeria de pequenos funcionários privados ou públicos, emergentes decaídos, arrivistas sociais, com vidas enfadonhas ou desimportantes, em processo de desmanche e reconstrução de rumos, mas inapelavelmente à margem do poder e da elite intelectual e política.

Talvez o conto melhor acabado, em seus propósitos de linguagem e arquitetura, seja “Lição de geografia”, uma homenagem cósmica à cidade do Rio de Janeiro (algo que não se realiza a contento, em contraposição, no conto “Paula Matos”, em que uma rua

é a personagem principal, a partir da qual tipos e bairros emergem e dramatizam) por meio de seus personagens dominados pela paixão vital e pela busca da felicidade, de descrições poéticas do mar e da natureza, da sacralização relaxada da força telúrica da mulher carioca. Os vários tons e usos de procedimentos criativos de linguagem se desdobram acompanhando o andamento da ação: início sentencioso-reflexivo à Machado, assim como leve ironia, em relação direta com o leitor e cumplicidade com seus personagens; didatismo (trata-se de uma “Lição”) e poeticidade no desbordar analítico e sedutor dos duplos homem-mulher, cidade-mar, corpo-espírito, silêncio do amor-ruídos da vida; listagem de signos materiais do afeto no momento em que os corpos dos amantes se tocam. Assim como nos contos “Luizinha” e “A mulher do fuzileiro”, a mulher-natureza carioca, metáfora da própria cidade cravada entre o mar e a montanha, que leva os homens a desvarios e ações impulsionadas por forças nada próximas do que se convencionou chamar de gesto racional, surge na figura rodriguiana de Virgínia, jovem passional romântica que leva Paulo, professor de Geografia de meia-idade, a trair a esposa e o casamento clássico bem equilibrado e naturalmente construído para durar a eternidade de uma vida. Enfim, um “bom conto”, produto de uma expertise própria de quem maneja o “ofício de escritor”.

Ao término da aventura de leitura do livro, ficamos com a sensação de que, apesar da irregularidade expressiva e formal do leque de contos selecionados, indo do muito bem acabado ao que precisa ser repensado numa próxima edição, uma lufada de vento, emanada do mar desse leque literário, junto com a sombra silenciosa de uma amendoeira carioca, nos proporciona o prazer de perceber a força de uma voz que se anuncia e aos poucos vai se impor, pela qualidade mesma de sua tessitura de linguagem, nas letras brasileiras.